

---

## O USO IMPLÍCITO DAS INDICAÇÕES FORMAIS EM *SER E TEMPO*: ALGUMAS QUESTÕES DE MÉTODO

Juliana Missaggia

### Resumo

Nesse artigo é apresentado o uso do método indicativo-formal em *Ser e Tempo*. Embora Heidegger não desenvolva nessa obra nenhuma análise que trate especificamente das indicações formais, sua utilização nos parece clara – não somente pelo uso do termo “*formale Anzeige*” em diversas passagens, mas também pela própria estrutura dos argumentos. Procuramos demonstrar como a compreensão do uso implícito de tal metodologia é fundamental para a compreensão de *Ser e Tempo*. Primeiramente, é apresentado o caráter indicativo-formal do chamado “círculo hermenêutico”, o qual Heidegger analisa em vários trechos da obra, sempre em relação com seu aspecto metodológico. A seguir, procuramos exemplificar o uso das indicações formais em *Ser e Tempo*, através dos conceitos utilizados por Heidegger na exposição do modo de ser do *Dasein*. Tal análise é interessante não somente para confirmar a utilização do novo método na obra, mas também para esclarecer, com um exemplo concreto, como ocorre sua aplicação.

### Palavras-chave

Fenomenologia; método; indicação formal; círculo hermenêutico

### Abstract

In this paper is presented the use of the formal indicative method in *Being and Time*. Although Heidegger does not develop in this work an analysis that specifically treat of formal indications, its use seems clear – not only by the use of the term “*formale Anzeige*” in several parts, but also by the argument's structure. We try to demonstrate that understanding the implicit use of such methodology is fundamental to understanding *Being and Time*. First, we present the formal indicative character of the “hermeneutic circle”, which Heidegger analyzes in several parts of his work, always in relation to its methodological aspect. Hereafter, we illustrate the use of formal indications in *Being and Time*, through the concepts used by Heidegger in exposure of the *Dasein*'s way of being. Such analysis is interesting not only to confirm the use of the new method in this work, but also to clarify, with a concrete example, how occur its application.

### Keywords

Phenomenology; method; formal indication; hermeneutic circle

Com a publicação das obras completas de Heidegger, ficou evidente para os estudiosos que *Ser e Tempo* é o resultado da complexa reflexão filosófica empreendida pelo autor ao longo dos anos 20. A maioria dos conceitos centrais da obra de 1927 já apareciam nos cursos heideggerianos: encontramos nesses cursos não somente uma visão geral sobre o desenvolvimento das principais noções de *Ser e Tempo*, mas também o esclarecimento daquilo que permanece obscuro numa análise que se limite somente a essa obra. É notório que muitos conceitos importantes são apresentados ali de maneira excessivamente sucinta ou confusa, o que torna necessária a pesquisa em fontes anteriores<sup>1</sup>.

Esse é, sem dúvida, o caso da noção de *método* apresentada em *Ser e Tempo*: Heidegger realiza, no parágrafo 7, uma reflexão sobre o método fenomenológico que guiará sua investigação, o que ocorre a partir da análise do conceito de *fenômeno* e do conceito de *logos*, que formariam a fenomenologia na versão heideggeriana. Para além do aspecto abstrato e pouco informativo de tal reflexão, permanece indefinido até que ponto Heidegger segue a fenomenologia husserliana ou não, pois suas diferenças em relação ao método fenomenológico tradicional não são explicitadas.

Em verdade, por trás dessa dificuldade, está o uso do *método indicativo-formal*, que surge como uma modificação da fenomenologia tradicional em direção a uma apropriação de elementos hermenêuticos. Como o próprio nome diz, indicação formal tem por intenção apontar, indicar uma direção para a qual devemos olhar. E, assim como todo o ato de apontar, há uma incompletude inerente a esse método: a ação de apontar só está completa em seu significado quando alguém olha na direção apontada. Nas indicações formais não há uma determinação conclusiva dos conceitos filosóficos, mas sim uma primeira aproximação. Ao procurar proceder de acordo com o método das indicações formais, dois mal-entendidos bastante comuns em filosofia devem ser

---

<sup>1</sup> Ver, especialmente, *Grundprobleme der Phänomenologie* (Wintersemester 1919/20), *Phänomenologie des Religiösen Lebens* (Wintersemester 1920/21), *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles* (Wintersemester 1921/22), *Ontologie (Hermeneutik der Faktizität)* (Sommersemester 1923), além da importante obra de Kisiel, *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. Nesse texto, pressupomos alguns esclarecimentos das indicações formais que aparecem nessas obras, pois nosso objetivo é mostrar seu uso implícito em *Ser e Tempo*.

evitados: o esquema sujeito-objeto e o preconceito da ausência de perspectiva e ponto de vista<sup>2</sup>.

Trata-se de um modo essencialmente novo na elaboração de conceitos, pois a situação concreta do sujeito que filosofa é levada em conta (como pano de fundo e contexto inevitável da atividade de filosofar), do mesmo modo que se evidencia a modificação que pode haver nos conceitos, já que a noção que serviu de ponto de partida pode alterar-se conforme a análise se desenvolver. A atividade do próprio homem que está filosofando é incluída como um dos elementos fundamentais da filosofia: não podemos ignorar nossa situação concreta e o fato de que, como entes históricos, já partimos de uma perspectiva determinada. Ignorar esse fator e buscar uma “pureza” metodológica que ignora a situação concreta do sujeito filosofante é afirmar o dogmatismo e cair na inevitável dificuldade de fundamentar uma atividade sem a possibilidade de recorrer a elementos externos à própria atividade ou a axiomas primeiros.

A despeito do fato de Heidegger não desenvolver em *Ser e Tempo* nenhum comentário que trate especificamente das indicações formais, acreditamos que seu uso nessa obra é bastante claro; isso é evidente não somente pelo fato do termo “*formale Anzeige*” aparecer em diversas passagens, mas também porque o próprio estilo da investigação filosófica presente na obra mantém as características do método indicativo-formal. Além disso, com tal análise poderemos apresentar um exemplo concreto da aplicação do método, o que mostrará claramente sua utilização em *Ser e Tempo*, na mesma medida em que ajudará na compreensão dos conceitos filosóficos em seu caráter indicativo-formal.

### **O aspecto indicativo-formal do círculo hermenêutico**

Em agosto de 1927, depois da publicação de *Ser e Tempo*, Heidegger responde às cartas de seu aluno Karl Löwith, onde discute algumas questões teóricas referentes ao seu trabalho recente. Essa carta é especialmente interessante por ser um testemunho bastante claro de como o método das indicações formais e o problema da facticidade

---

<sup>2</sup> Não seria possível desenvolver aqui longas considerações sobre a noção de indicação formal, pois pretendemos focar seu uso em *Ser e Tempo*. Para uma análise geral de suas características, tal como aparecem nos cursos dos anos 20, quando foram elaboradas, ver Streeter (1997) e Dahlstrom (1994).

ainda ocupavam Heidegger no período imediatamente posterior à publicação de sua obra magna:

Os problemas em torno da facticidade persistem para mim com a mesma intensidade que tinham em meus começos em Freiburg, mas ainda mais radicalmente agora, com as perspectivas que me guiavam em Freiburg. Que eu estivesse constantemente ocupado com Duns Scotus e a Idade Média, e daí novamente com Aristóteles, não é de modo algum um mero acaso. E não se pode julgar o trabalho simplesmente por aquilo que foi dito nos cursos ou nos seminários. Primeiramente, eu tive que ir além do fático, levando isso aos seus extremos, de modo que pudesse fazer da facticidade enquanto tal um problema. As indicações formais, a crítica da usual doutrina do *a priori*, a formalização e assim por diante: tudo isso ainda é presente para mim, mesmo que eu não fale mais sobre isso agora. (HEIDEGGER, 2007, p. 302)<sup>3</sup>.

O termo “*formale Anzeige*” e expressões semelhantes aparecem em diversas passagens de *Ser e Tempo*, ainda que sem uma explicação completa de seu significado<sup>4</sup>. Mas para a apresentação do caráter indicativo-formal da investigação presente na obra é fundamental perceber, para além dessas passagens específicas, como o próprio modo de procedimento segue o aspecto “incompleto” da indicação formal: Heidegger apresenta os conceitos de maneira provisória e mostra como eles ganham uma concretização ao longo de sua análise. Tal análise segue o caminho indicado pelo conceito provisório e com isso confirma a efetividade ou não deste. A possibilidade de revisão ou mesmo de rejeição da definição inicial do conceito é um dos aspectos fundamentais do método indicativo-formal.

Podemos perceber esse aspecto da investigação heideggeriana se notarmos a analogia entre as indicações formais e o chamado *círculo hermenêutico*<sup>5</sup>. Segundo Heidegger, não se trata de um círculo vicioso, mas sim de um círculo de compreensão necessário. Não há outro procedimento possível: temos de partir da nossa pré-compreensão de *ser* para poder buscar um sentido para o que significa *ser*. Assim como ocorre com as indicações formais, há um ponto de partida ainda obscuro (o conceito não clarificado de *ser*) que indica a direção (a análise do ente que compreende o *ser*) para buscar uma compreensão completa do fenômeno.

---

<sup>3</sup> Tradução nossa, como as demais.

<sup>4</sup> SZ. p. 53, 114, 116, 117, 179, 231, 313 e 315. *Ser e Tempo*, de agora em diante citado como SZ, nas páginas de acordo com o texto em alemão. Em citações de passagens extensas, acrescentamos a paginação na tradução em espanhol – utilizada como base para a tradução das passagens aqui citadas, ainda que um pouco modificada –, além da edição alemã.

<sup>5</sup> Para uma análise mais completa da noção de “círculo hermenêutico”, ver Caputo (1987) e Bontekoe (1996).

Essa questão é tão importante que já no segundo parágrafo de *Ser e Tempo* Heidegger questiona a legitimidade do aspecto *circular* de sua argumentação: uma vez que foi estabelecido que o ponto de partida para investigar o *sentido do ser* será a análise do *ser* do ente que compreende o *ser (Dasein)*<sup>6</sup>, não haveria um círculo vicioso? “Que coisa é senão mover-se em um círculo determinar primeiro um ente *em seu ser* e, sobre essa base, querer formular em seguida a pergunta pelo ser? Não se 'supõe' previamente na elaboração da pergunta o que somente a resposta poderá nos proporcionar?” (HEIDEGGER, 2003, p. 18. SZ, p. 7).

Ora, o círculo não é vicioso por uma razão bastante simples: o que dispomos de antemão é uma “compreensão mediana” e limitada de *ser*; ao partimos dessa compreensão inicial não pretendemos chegar a um resultado do qual já dispomos, mas sim encontrar um conceito “explícito” do sentido do *ser*, que constitua a compreensão completa que ainda não nos é acessível. A semelhança com as indicações formais é de fato bastante evidente: em seu procedimento metodológico é oferecido um caminho para seguir – são indicados os passos adequados da investigação –, mas ao longo da própria investigação os conceitos iniciais ganham novas formas e significados, crescendo em complexidade e só então confirmando se o caminho inicial era adequado. Ao fim do percurso, não possuímos os mesmo conceitos do início, mas sim conceitos mais complexos e ricos.

Mas, como alerta Heidegger no parágrafo 32, “o decisivo não é sair do círculo, mas sim entrar no círculo da forma correta” (HEIDEGGER, 2003, p. 156. SZ, p. 153). Essa ressalva é fundamental, pois, assim como ocorre com as indicações formais, o conceito provisório de que dispomos inicialmente e o modo como seguiremos sua indicação não são elementos aleatórios e indiferentes ao resultado da investigação. Se, por exemplo, tomamos o conceito inicial em um sentido obscuro ou ficamos presos ao seu significado provisório, certamente não obteremos um resultado adequado; nesses casos, o círculo de fato seria vicioso, pois em um caso não saímos do ponto de partida e em outro voltamos ao mesmo lugar do início. O círculo hermenêutico satisfatório será aquele que funciona como uma espiral: estamos sempre indo além do ponto inicial, mas mantemos uma estrutura adequada que é coerente com o ponto de partida.

---

<sup>6</sup> Devido à pluralidade de traduções em português para o termo e as confusões que podem gerar, optamos por não traduzir o termo *Dasein*.

Heidegger volta a tratar do círculo hermenêutico no parágrafo 63, onde realiza uma análise do procedimento metodológico até então utilizado, com a intenção de deixar claro quais são os fundamentos e consequências da ontologia fundamental desenvolvida ao longo de *Ser e Tempo*:

Mas mesmo a ideia de existência formal e existencialmente não vinculante leva consigo um “conteúdo” ontológico determinado, embora não explícito, que (...) “pressupõe” uma ideia do ser em geral. (...) Mas, não temos de esclarecer a ideia do ser em geral por meio da elaboração da compreensão do ser que é própria do *Dasein*? No entanto, esta não pode ser originariamente compreendida a não ser sobre a base de uma interpretação originária do *Dasein* feita através da ideia de existência. Não resulta, então, inteiramente evidente que o problema da ontologia fundamental se move em um “círculo”? (HEIDEGGER, 2003, p. 307. SZ, p. 314).

Com essa nova formulação do círculo hermenêutico, Heidegger pretende apontar para outra característica fundamental desse procedimento, que é sua relação com o próprio modo de ser do *Dasein*. O círculo existe não por um mero acaso ou por uma falha da investigação filosófica, mas sim devido ao tipo de compreensão que é característica do *Dasein*: este ente possui um modo peculiar de ser, que o leva a estar sempre “antecipado” em relação a si mesmo, pois projeta-se em direção às suas possibilidades. Do mesmo modo, o *Dasein* não é um ente *neutro* em relação à sua situação atual, pois seu contexto histórico e suas concepções prévias determinam aquilo que ele é, assim como suas escolhas em relação às possibilidades futuras. De fato, negar o círculo hermenêutico é ignorar o tipo de compreensão que constitui o *modo de ser* fundamental do *Dasein*; “negar, ocultar ou querer superar o círculo equivale a consolidar definitivamente esse desconhecimento” (HEIDEGGER, 2003, p. 307. SZ, p. 315).

Também nesse aspecto o círculo hermenêutico que marca a análise de *Ser e Tempo* é semelhante às indicações formais: o método indicativo-formal mantém uma clara relação com o *Dasein* concreto, pois exige deste uma postura filosófica específica que está em consonância com seu modo de ser. De fato, a conformidade entre os procedimentos não é um mero acaso: a indicação formal é essencialmente hermenêutica e circular e, por trás da justificação do círculo hermenêutico em *Ser e Tempo*, está o próprio método indicativo-formal que serve de base para a formulação dos conceitos filosóficos da obra.

Boedeker aponta para um aspecto interessante da relação entre indicação formal e círculo hermenêutico:

(...) eu não posso compreender o significado de uma indicação formal ontológica até que *eu mesmo* tenha realizado o que ela demanda. Até que eu tenha feito isso, não existe nenhuma instância de ser realizada para que eu observe, e então não posso ver o que ela demanda. Por outro lado, não posso realizar intencionalmente o que a indicação formal demanda a não ser que eu tenha compreendido o que ela demanda! A compreensão das asserções ontológicas envolve, portanto, um segundo tipo de 'círculo hermenêutico': não entre a compreensão de ser implícita do *Dasein* e a sua interpretação ontológica explícita, mas sim entre o significado dos termos ontológicos e o fenômeno que eles indicam (BOEDEKER, 2005, p. 165).

Ora, a própria indicação formal apresenta uma circularidade: ao contrário de procurar estabelecer um método rígido de definição conceitual, onde um termo permanece o mesmo durante toda a análise, Heidegger procede de modo a permitir uma transformação no conceito utilizado inicialmente. Porém, a mudança conceitual que é permitida não pode ser aleatória, pois isso resultaria em uma completa instabilidade para o discurso filosófico. O que ocorre é um círculo não vicioso, onde o conceito que serve de indicação formal aponta para uma direção onde a análise filosófica irá se desenvolver. Porém, durante seu desenvolvimento, é possível que o conceito indicativo acabe por mostrar suas falhas ou outros elementos que não estavam visíveis ao princípio e que podem ser então explicitados, a partir de uma nova apropriação do conceito.

### **Um exemplo de aplicação do método: a análise do modo de ser do *Dasein* como indicação formal**

Uma vez que já realizamos uma exposição mais geral do aspecto indicativo-formal de *Ser e Tempo*, especialmente através do círculo hermenêutico, é interessante agora apresentar um exemplo concreto de aplicação do método. É claro que, devido à dificuldade da obra, não será possível realizar uma longa análise de diversos conceitos, mas tomar um conceito particular como exemplo é certamente esclarecedor para o entendimento do funcionamento das indicações formais, assim como do projeto heideggeriano desse período. Nesse sentido, nos parece apropriado analisar a maneira como Heidegger busca estabelecer o modo de ser do *Dasein*, pois esta é uma questão central em *Ser e Tempo* e permite uma observação esclarecedora do modo de utilização do método.

Já no parágrafo 4, Heidegger aponta para a necessidade de perceber que não se pode definir adequadamente a ciência sem considerar sua relação com o *Dasein*: para o filósofo, a ciência é um tipo de comportamento do homem e por isso tem o modo de ser

deste ente. O *Dasein* é um ente privilegiado, pois é aquele que compreende o *ser*. Assim, para analisar a questão sobre o sentido do *ser*, o primeiro passo será analisar o ente que compreende o *ser*. Como esclarece Heidegger: “será necessário aclarar de forma provisória esse caráter eminente do *Dasein*. Para isso, a discussão terá que antecipar análises posteriores, que somente então serão propriamente demonstradas” (HEIDEGGER, 2003, p. 22. SZ, p. 12). O aspecto indicativo formal é aqui claro: primeiro ocorre uma análise provisória e somente depois haverá uma demonstração do que foi indicado inicialmente.

Ao modo de ser do *Dasein*, enquanto ente que compreende o *ser* e está aberto para suas possibilidades de ser, Heidegger reservará o termo *existência* (*Existenz*)<sup>7</sup>. Na medida em que o *Dasein* possui uma compreensão de *ser*, ele pode compreender não somente seu ser, mas também o ser de outros entes. Nesse sentido, qualquer ontologia parte necessariamente do *Dasein*. Conforme o próprio filósofo destacou, a noção de *existência* e outros conceitos somente ganharão um esclarecimento completo ao longo das análises posteriores.

Heidegger esclarece também, no parágrafo seguinte, que ao desenvolver a analítica existencial do *Dasein*, não se pode perder de vista a pergunta pelo sentido do *ser*, pois é essa questão que serve de guia para toda a análise e que estabelece quais são seus limites. A intenção não é elaborar uma ontologia completa do *Dasein* – como pretenderia uma antropologia filosófica –, mas sim apenas apontar as estruturas fundamentais para a elaboração da questão sobre o sentido do *ser*. Assim, a análise será incompleta e, uma vez que possui o caráter de uma indicação formal “a análise do *Dasein* não somente é incompleta, mas é também provisória”, pois em um primeiro momento apenas se esclarecerá o ser deste ente, sem dar uma interpretação completa de seu sentido. Mas, assim que tenhamos “alcançado este horizonte [para a interpretação do ente], a análise preparatória do *Dasein* deverá ser repetida sobre uma base mais alta, propriamente ontológica” (HEIDEGGER, 2003, p. 28. SZ, p. 17).

No parágrafo 9, Heidegger esclarece, ainda que provisoriamente, alguns aspectos sobre o modo de ser do *Dasein*. Em primeiro lugar, o *Dasein* é um ente que

---

7 Segundo Inwood (2002, p. 58): “Devido à sua confusão de dois tipos de SER, ser-o-que e ser-como, Heidegger ocasionalmente sugere que a única característica do *Dasein* é ser, i.e., existir no sentido tradicional. Porém a *Existenz* é o modo de ser de *Dasein*, não o fato de que ele é: o *Dasein* é responsável por seu ser-como e não (exceto pela possibilidade de suicídio, que Heidegger raramente menciona) por seu ser-o-que”.

lida a todo o momento consigo mesmo e com seu ser. Sua “essência” só pode ser concebida a partir de sua *existência*, a qual aponta para um modo de ser radicalmente diferente daquele dos entes simplesmente dados (*Vorhandensein*). Além disso, o *Dasein* possui o caráter de ser-cada-vez-meu (*Jemeinigkeit*), pois seu ser jamais é algo indiferente a ele, mas é algo com o qual este ente deve lidar constantemente de um modo ou outro. O caráter indicativo-formal dessa análise é reafirmado e esclarecido em diversas passagens posteriores, como vemos no parágrafo 12:

Nas considerações preliminares (§9) já destacamos algumas características de ser que esclarecerão a investigação posterior, mas que, ao mesmo tempo, receberão nela sua concretização estrutural. O *Dasein* é um ente que em seu ser se comporta de maneira a compreender este ser. Com isso fica indicado o conceito formal de existência [*Damit ist der formale Begriff von Existenz angezeigt*]. O *Dasein* existe. O *Dasein* é, além disso, o ente que sou cada vez eu mesmo. (HEIDEGGER, 2003, p. 62. SZ, p. 53).

Ora, as considerações preliminares permitem a exposição da indicação formal do conceito de existência. Tal conceito, por possuir essa característica, guiará a investigação realizada posteriormente (ao indicar o caminho adequado) e, ao mesmo tempo, encontrará nela sua concretização. Pois ao seguir a indicação, como vimos, encontramos a realização do conceito que foi empregado provisoriamente no início da análise.

Uma retomada explícita dessa questão aparece no parágrafo 25, quando Heidegger volta a tratar do modo de ser do *Dasein*, lembrando novamente que a “resposta à pergunta acerca de quem é este ente (o *Dasein*), já foi aparentemente dada com a indicação formal (*formalen Anzeigen*) das determinações fundamentais do *Dasein* (§9)” (HEIDEGGER, 2003, p. 119. SZ, p. 114). Se partirmos da característica desse ente de ser sempre pertencente a si mesmo, poderemos notar como isso aponta para uma estrutura ontológica, na mesma medida em que contém a “indicação ôntica” de que o *Dasein* é a cada vez um determinado *eu*. Perguntar pelo “quem” do *Dasein* é sempre apontar para o *eu* ao qual ele corresponde em cada caso. Esse *eu* é algo que mantém uma identidade, apesar das mudanças e multiplicidade de vivências pelas quais passa. Apesar da diversidade de fenômenos e experiências com as quais nos defrontamos, sempre vivenciamos tudo a partir de uma posição determinada, a partir de nosso *eu*.

Heidegger questiona, porém, em que medida sua análise sobre o *eu* não corre o risco de ser limitada pela aparente evidência e clareza da auto-interpretação do *Dasein*. O filósofo alerta que “o 'eu' deve ser entendido somente como uma *indicação formal*

(*formalen Anzeige*)<sup>8</sup>” (HEIDEGGER, 2003, p. 121. SZ, p. 116) e, portanto, questionar sua interpretação inicial e aparentemente óbvia é fundamental para o processo. Conforme havia sido analisado anteriormente (especialmente nos parágrafos 9 e 12), há a indicação de que não parece ser possível conceber um *eu* sem um mundo e tampouco um *eu* isolado de outros “eus”. É assim que se mostra a interpretação do *Dasein* a partir de sua cotidianidade. Porém, “esta constatação fenomênica não deve nos induzir a considerar a estrutura *ontológica* do que é assim 'dado' como algo óbvio e que não necessita de uma investigação maior” (HEIDEGGER, 2003, p. 121. SZ, p. 116), ao contrário, devemos questionar a validade dos dados fenomênicos iniciais, embora tenham sido eles que guiaram toda a análise.

O fundamental é perceber que a própria indicação formal do *eu* do *Dasein* aponta para o modo como a análise deve ser interpretada:

(...) das indicações formais (*formalen Anzeigen*) dadas mais acima (§§9 e 12) acerca da estrutura de ser do *Dasein*, exerce a função [de ser o fio-condutor da questão], não tanto esta de que se falou até aqui, quanto aquela segundo a qual a 'essência' do *Dasein* se funda em sua existência. Se o 'eu' é uma determinação essencial do *Dasein*, então deverá ser interpretada existencialmente. A pergunta pelo 'quem' somente poderá ser respondida mostrando fenomenologicamente um determinado modo de ser do *Dasein* (HEIDEGGER, 2003, p. 122. SZ, p. 117).

Assim, as indicações formais inicialmente consideradas devem ser explicitadas a partir de uma interpretação existencial. Embora não seja possível desenvolver aqui uma longa exposição do desenvolvimento dessa questão – pois isso implicaria a análise de diversos conceitos de *Ser e Tempo* e da relação entre eles –, é interessante ressaltar

---

8 Sobre tomar o “eu” como um conceito de caráter indicativo-formal, comenta Arenhart (2004, p. 289): “[Heidegger] trata do 'eu' no contexto da análise da função significante (*Bedeutungsfunktion*) dos pronomes. Os pronomes, incluído o 'eu', são 'indícios formais'. Prontamente isso quer dizer que sua função lógico-semântica invariável não é a de representar gêneros/classes de coisas ou de estado-de-coisas, ou seja, não são expressões classificatórias”. Além disso, “também 'eu' funciona como um 'indício formal' que, cada vez que é usado, é preenchido com outro conteúdo, ou seja, por sua mediação, outro falante atual se refere em cada caso a si mesmo” (p. 297). Trata-se aqui das chamadas “expressões essencialmente ocasionais”, que Husserl desenvolve na primeira das *Investigações Lógicas*. Tais expressões relacionam-se em muitos aspectos com as indicações formais, como o fato de só poderem ser compreendidas quando se considera seu contexto específico. Segundo Van Buren: “No desenvolvimento de sua noção de 'indicação formal', Heidegger pegou o termo *Anzeige*, indicação, da teoria dos sinais da *Primeira Investigação* de Husserl, 'Expressão e Significado', sobre a qual Heidegger ministrou seminários formais e informais no começo dos anos 20. Inclusive havia um participante, Günther Stern, que submeteu para Husserl em 1924 uma dissertação sobre '*O Papel da Categoria da Situação nas Proposições Lógicas*', na qual ele utilizou as leituras de Heidegger do conceito de indicação das 'expressões ocasionais' de Husserl” (VAN BUREN, 1994, p. 328).

algumas considerações do aspecto indicativo-formal das noções que analisamos, tal como aparecerem no parágrafo 63.

Heidegger passa a analisar o caráter metodológico da analítica existencial, percebendo a estrutura da sua investigação e tornando explícitas algumas questões que perpassaram toda a pesquisa. Como observa logo a princípio: “o caminho percorrido até aqui pela analítica do *Dasein* se converteu em uma demonstração concreta da tese que ao começo foi somente formulada: o ente que somos nós mesmos é o mais distante ontologicamente” (HEIDEGGER, 2003, p. 303. SZ, p. 311). Isso se explica pelo próprio modo de ser do *Dasein* e a estrutura do *cuidado* (*Sorge*)<sup>9</sup>: enquanto um ente que se reconhece como um *eu* no mundo, o *Dasein* possui responsabilidade e preocupação consigo mesmo e com as coisas e pessoas que lhe são caras; ao perceber a si mesmo e sua situação concreta, o *Dasein* é um ente que está “jogado” junto aos entes do mundo, ao mesmo tempo em que se projeta em relação às suas possibilidades futuras e que faz parte de um mundo significativo que já existia antes dele. Ao ocupar-se com as coisas do mundo em sua cotidianidade, o próprio modo de ser do *Dasein* parece ficar encoberto e faz dele ontologicamente mais distante que outros entes (como esses que servem de ocupação).

A confirmação de teses iniciais – como é o caso desta que analisamos – mostra de maneira exemplar o aspecto indicativo-formal da analítica existencial: diversas teses e conceito que ao início haviam sido “somente formulados” ganham uma “demonstração concreta” através da analítica. Conforme já dissemos, o contrário também é possível: muitas vezes a investigação nos leva a reformular ou mesmo descartar as formulações provisórias iniciais. Isso não significa uma falha na análise, mas justamente demonstra sua efetividade e capacidade de revisar os erros.

Heidegger confirma novamente o aspecto indicativo-formal de sua investigação, ao mostrar que sua direção é estabelecida de antemão por aquilo que o conceito inicial indica: já “está tudo iluminado, ainda que de modo crepuscular, pela luz de uma ideia 'previamente suposta' de existência”; do mesmo modo, também a ideia inicial possui algo que a guia, pois a “indicação formal (*formale Anzeige*) da ideia de existência se guiava pela compreensão de ser que se encontra no próprio *Dasein*” (HEIDEGGER,

---

9 Não cabe aqui desenvolver essa noção. Ver SZ, §§12, 41, 42, 43, 63, 64, 65.

2003, p. 305. SZ, p. 313). Com isso Heidegger pretende deixar claro que a estrutura indicativa-formal de toda análise provém justamente do modo de ser do *Dasein*:

Não teria essa pressuposição [da ideia de existência e do ser em geral] o caráter de um projetar compreensivo, de tal maneira que a interpretação na qual esse compreender ocorre começa ao dar a palavra justamente àquele mesmo que será interpretado, a fim de que ele decida desde si mesmo se ele proporciona, enquanto tal ente, a constituição de ser com vistas ao qual ele foi aberto no projeto formalmente-indicativo (*Entwurf formalanzeigend*)? Há outra maneira na qual esse ente tome a palavra com respeito ao seu ser? Na analítica existencial o “círculo” na prova não pode sequer ser “evitado”, posto que ela não prova nada segundo as regras da “lógica de inferência”. O que a compreensão comum quer eliminar, a fim de evitar o “círculo” e acreditando atingir a máxima rigorosidade da investigação científica, nada mais é do que a própria estrutura fundamental do cuidado (HEIDEGGER, 2003, p. 306-7. SZ, p. 314-5).

Assim, devemos reconhecer que o que guiou toda a análise foi justamente o caráter peculiar da compreensão de ser do *Dasein*. Da mesma maneira que o modo de ser do *Dasein* parecia encobrir a investigação, também é devido ao seu modo de ser e de acordo com esse modo, que a análise pode ser esclarecida. Aqueles que tentam evitar o círculo – pensando que ele é sinal de uma investigação sem cientificidade –, acabam, na verdade, por eliminar a estrutura do *cuidado*, sem a qual não podemos compreender o modo de ser do *Dasein* e tampouco levar a análise adiante. Como Heidegger reafirma diversas vezes, o próprio filosofar é antes de tudo um tipo de comportamento do *Dasein*.

## Conclusão

Diante dessa exposição, podemos perceber que o uso da indicação formal esteve presente na elaboração dos conceitos de *Ser e Tempo*, ainda que Heidegger utilize o termo “*formale Anzeige*” sem um desenvolvimento detalhado. Em verdade, sem a compreensão do caráter indicativo formal dos conceitos presente na obra, é muito difícil definir que tipo de método aí encontramos. Ao mesmo tempo em que o filósofo continua usando expressões típicas da fenomenologia e filiando sua obra a tal corrente, é evidente seu distanciamento do método de Husserl. De fato, a apropriação da hermenêutica – evidenciada claramente pelo conceito de “círculo hermenêutico” – é uma fonte de inovação que impossibilita compreender a obra heideggeriana como dentro do escopo da fenomenologia transcendental tal como desenvolvida por seu mestre.

Em verdade, o que estava em questão na busca por uma fenomenologia hermenêutica e pelo método indicativo-formal era mais do que um interesse por apontar para o caráter *interpretativo* da filosofia. Heidegger estava, de fato, questionando a própria filosofia, não somente em sua história (enquanto filosofia da tradição), mas também em suas possibilidades mais fundamentais. O que estava em jogo não era apenas o trabalho por definir as dificuldades, erros ou acertos do método husserliano e saber modificar a fenomenologia mantendo o que havia de interessante, mas antes, buscar em meio a isso um campo genuíno para o filosofar enquanto uma atividade do *Dasein*. *Ser e Tempo* é, acima de tudo, a grande elaboração sistemática de uma longa reflexão filosófica que culminou em um novo método filosófico.

### Referências Bibliográficas

- ARENHART, Lívio Osvaldo. *Ser-no mundo e consciência-de-si: uma leitura dos escritos fenomenológicos de Martin Heidegger a partir de um conceito filosófico-analítico plausível de consciência-de-si imediata*. Porto Alegre: EDPUCRS, 2004.
- BOEDEKER, Edgar jr. *Phenomenology*. In: DREYFUS, H. and WRATHALL, M. (eds.). *A Companion to Heidegger*. Malden, Mass: Blackwell, 2005, p. 156-172.
- BONTEKOE, Ronald. *Dimensions of the Hermeneutic Circle*. New Jersey: Humanities Press International. 1996.
- CAPUTO, John D. *Radical hermeneutics: repetition, deconstruction, and the hermeneutic project*. Bloomington: Indiana University Press, 1987.
- DAHLSTROM, Daniel. *Heidegger's method: philosophical concepts as formal indications*. In: *Review of Metaphysics* 47, 1994, p. 775-795.
- HEIDEGGER, Martin (1927). *Sein und Zeit*. Achtzehnte Auflage. Unveränderter Nachdruck der fünfzehnten, an Hand der Gesamtausgabe durchgesehenen Auflage. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 2001.
- HEIDEGGER, Martin (1927). *Ser y tiempo*. Traducción, prólogo y notas de Jorge Eduardo Rivera. Madrid, Trotta, 2003.
- HEIDEGGER, Martin. Kisiel, Theodore & Sheehan, Thomas (eds.), *Becoming Heidegger: On the Trail of His Early Occasional Writings, 1910-1927*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 2007.
- HEIDEGGER, Martin. (GA 58). *Grundprobleme der Phänomenologie* (Wintersemester 1919/20). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1993.
- HEIDEGGER, Martin. (GA 60). *Phänomenologie des Religiösen Lebens* (Wintersemester 1920/21). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995a.

- HEIDEGGER, Martin. (GA 61). *Phänomenologische Interpretationen zu Aristoteles* (Wintersemester 1921/22). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1985.
- HEIDEGGER, Martin. (GA 63). *Ontologie (Hermeneutik der Faktizität)* (Sommersemester 1923). Frankfurt am Main: Vittorio Klostermann, 1995b.
- INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- KISIEL, Theodore. *The Genesis of Heidegger's Being and Time*. Bekeley, Los Angeles, London: University of California Press, 1993.
- STREETER, Ryan. *Heidegger's Formal Indication: a Question of Method in Being and Time*. *Man and World*, vol. 30 (1997), pp. 413-430.
- VAN BUREN, John. *The Young Heidegger: Rumor of the Hidden King*. Indianapolis, Indiana: Indiana University Press, 1994.